

TODAS AS ARTES

.....
REVISTA LUSO-BRASILEIRA DE ARTES E CULTURA
ALL THE ARTS LUSO-BRAZILIAN JOURNAL OF ART AND CULTURE



Vol. 8, N. 1, Jan.-Abr. 2025
ISSN 2184-38052

REIVINDICAR O PODER: AUTODEFESA E VULNERABILIDADE EM GENTILESCHI E BOURGEOIS

TAKING BACK POWER: SELF DEFENSE AND VULNERABILITY IN GENTILESCHI AND BOURGEOIS

REPRENDRE LE POUVOIR : AUTODÉFENSE ET VULNÉRABILITÉ CHEZ LES GENTILESCHI ET LES BOURGEOIS

RECUPERANDO EL PODER: AUTODEFENSA Y VULNERABILIDAD EN GENTILESCHI Y BOURGEOIS

Francisca Sousa

Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, i2ADS - Instituto de Investigação em Arte, Design e Sociedade, Porto, Portugal

RESUMO: Ao longo da história, a ideia de poder do e sobre o corpo tem sido um tema central no mundo da arte. Representado sobre os seus vários contextos - político, social, físico, sexual -, o poder exibe-se enquanto ideia complexa entre o domínio físico e a força de carácter abstrato. Frequentemente associado na arte à violência e à brutalidade masculina, o poder promulga-se especialmente sobre o corpo feminino, inevitavelmente através de um jogo de domínio e submissão. Ter poder sobre o próprio corpo é um dos aspectos mais importantes do trabalho das artistas da década de 1970, que se prolonga até aos dias de hoje debaixo dos holofotes de movimentos como o Me Too e de outros questionamentos acerca das políticas do corpo. Não esqueçamos que não só na contemporaneidade se dão estas reivindicações, uma vez que a pintora barroca Artemisia Gentileschi dedicou grande parte da sua obra ao triunfo da heroína feminina sobre um antagonista masculino. De formas mais subjetivas, o poder é reclamado por Louise Bourgeois através da vulnerabilidade com que trata a sua poderosa identidade feminina. A mulher transforma-se numa lâmina para enfrentar o trauma.

Palavras-chave: feminismo, poder, autodefesa, Bourgeois, Gentileschi.

ABSTRACT: Throughout history, the idea of power over the body has been a central theme in the art world. Represented in its various contexts - political, social, physical, sexual - power can be seen as a complex idea between physical domination and an abstract force. Often associated in art with violence and male brutality, power is especially enacted over the female body, inevitably through some sort of game of domination and submission. Gaining back power over their own body is one of the most important aspects of the work of female artists from the 1970s, which continues until this day under the spotlight of movements such as "Me Too" and other issues related to body politics. But let us not forget that these claims are not only made accountable in contemporary times, also Baroque painter Artemisia Gentileschi dedicated much of her work to the triumph of the female heroine over a male antagonist. In a more subjective way, power is asserted by Louise Bourgeois through the vulnerability with which she works about her powerful female identity. A woman that transforms herself into a blade in order to face trauma.

Keywords: feminism, power, self defense, space, Bourgeois, Gentileschi.

RÉSUMÉ: Tout au long de l'histoire, l'idée du pouvoir du corps et sur le corps a été un thème central dans le monde de l'art. Représenté dans ses différents contextes – politique, social, physique, sexuel – le pouvoir apparaît comme une idée complexe entre domination physique et force abstraite. Souvent associé dans l'art à la violence et à la brutalité masculine, le pouvoir s'exerce particulièrement sur le corps féminin, inévitablement à travers un jeu de domination et de soumission. Avoir du pouvoir sur son propre corps est l'un des aspects les plus importants du travail des artistes des années 1970, qui perdure encore aujourd'hui sous les projecteurs de mouvements tels que "Me Too" et d'autres questions sur la politique du corps. N'oublions pas que ces exigences ne sont pas seulement formulées à l'époque contemporaine, puisque la peintre baroque Artemisia Gentileschi a consacré une grande partie de son œuvre au triomphe de l'héroïne féminine sur un antagoniste masculin. De manière plus subjective, le pouvoir est revendiqué par Louise Bourgeois à travers la vulnérabilité avec laquelle elle traite sa puissante identité féminine. La femme se transforme en lame pour faire face au traumatisme.

Mots-clés: féminisme, pouvoir, défense, Gentileschi, Bourgeois.

RESUMEN: A lo largo de la historia, la idea del poder de y sobre el cuerpo ha sido un tema central en el mundo del arte. Representado en sus diversos contextos –político, social, físico, sexual– el poder se muestra como una idea compleja entre la dominación física y la fuerza abstracta. A menudo asociado en el arte con la violencia y la brutalidad masculina, el poder se ejerce especialmente sobre el cuerpo femenino, inevitablemente a través de un juego de dominio y sumisión. El poder sobre el propio cuerpo es uno de los aspectos más importantes del trabajo de los artistas de la década de 1970, que continúa hasta nuestros días bajo la atención de movimientos como "Me Too" y otras cuestiones sobre la política del cuerpo. No olvidemos que estas reivindicaciones no se plantean sólo en la época contemporánea, ya que la pintora barroca Artemisia Gentileschi dedicó gran parte de su obra al triunfo de la heroína femenina sobre un antagonista masculino. De maneras más subjetivas, Louise Bourgeois reivindica el poder a través de la vulnerabilidad con la que trata su poderosa identidad femenina. La mujer se transforma en una espada para enfrentar el trauma.

Palabras-clave: feminismo, poder, autodefensa, Gentileschi, Bourgeois.

1. Introdução

A natureza das intervenções da crítica e da história da arte feminista, juntamente com os estudos de género, tornou visível a necessidade de repensar os modos de representação dominantes – os de ontem e os de hoje. No decurso da história, em particular no panorama ocidental, é possível constatar que a mulher ocupa um lugar de passividade e vulnerabilidade, sendo predominantemente contemplada pela arte enquanto musa (mero objeto do olhar) e inspiração por parte de um criador masculino. Por consequência, grande parte das imagens através das quais a mulher é representada retrata narrativas do seu silêncio, da sua exploração física e da sua associação às tarefas do meio doméstico – ela ocupa o segundo plano de um mundo protagonizado por homens. Esta premissa parece só se desligar do discurso imperante com o aparecimento e reconhecimento da mulher artista, que gradualmente foi tomando a liberdade de produzir exceções e de estabelecer uma linguagem mais inclusiva.

O feminismo e os movimentos de libertação das mulheres deram origem a uma transformação profunda dos conteúdos da sociedade contemporânea, numa procura urgente de trazer à luz as desigualdades de género e as problemáticas contidas na exclusão de minorias. Nesse sentido, movimentos recentes como o #MeToo tornaram visível a

persistência sistémica da violência sexual e do assédio, demonstrando que a luta pela autonomia feminina não pertence apenas ao passado, mas permanece urgente e atual. Deste modo, o corpo é hoje um foco central no pensamento das artistas contemporâneas - lugar de construção e desconstrução da identidade; de opressão e resistência. As marcas do poder inscrevem-se no corpo (Macedo, 2011: 3).

É neste enquadramento que este artigo se propõe a analisar como a autodefesa e a vulnerabilidade são respostas aos efeitos do poder, representadas no trabalho de Artemisia Gentileschi e Louise Bourgeois. Partindo das suas obras como pontos de inflexão no imaginário visual feminino, procura-se compreender de que modo cada artista reconfigura a relação entre corpo e violência, superando a condição histórica da mulher como objeto passivo de representação.

2. Segunda seção

O conceito tríade “mulher-arte-poder” apresentado no ensaio de Linda Nochlin (1989) é uma tentativa de deslindar os vários discursos do poder que se relacionam com as diferenças de género no âmbito das narrativas visuais. A ideia de domínio/submissão faz parte de uma dinâmica binária entre a personagem que contém “maior força” ou autoridade superior e a de menor “vis”. Da representação da brutalidade física explícita à violência psicológica ou simbólica, várias são as formas de atuação deste conceito – poder, enquanto posição de domínio sobre outros -, que aqui me interessa explorar a partir do ponto de vista da mulher artista e das narrativas de contrapoder por ela criadas.

Embora seja particularmente a partir dos anos 70 do século anterior que esta missão de reivindicação do poder e do controlo sobre o próprio corpo é levada a cabo por mulheres artistas, que se multiplicam ao encontrarem um espaço legítimo no mundo da arte, houve alguns casos de estudo precursores destes movimentos. Pretendo, neste particular, convocar a obra da pintora barroca italiana Artemisia Gentileschi e a sua habilidade em explorar conteúdos de cariz que hoje seria ou poderia ser caracterizada como feminista (Kaborycha, 2021) de forma poderosa e objetiva. Esta é a mulher que há 400 anos atrás articulou na sua obra sentimentos de raiva e contestação, um feito quase inconcebível para o seu tempo, como nos demonstra Jonathan Jones (2020) na biografia que lhe dedicou.

Inserida numa época de influência predominantemente masculina, em que as temáticas mais relevantes da arte eram a pintura histórica e religiosa, Gentileschi distingue-se pela índole imperativa com que constrói a personagem feminina, a protagonista heróica das suas narrativas, e pela forma como nos introduz às suas próprias experiências (Jones, 2020). Em “Susana e os anciãos” (1610), uma obra exímia de arte barroca de um tema do Antigo Testamento, a artista retrata duramente o conflito em que Susana se encontra, uma jovem que durante o banho é sobressaltada pela presença de dois homens mais velhos da sua comunidade e se debate contra os olhares lascivos e os seus avanços sexuais. Ao contrário de outras reproduções de autores masculinos, nas quais o corpo de Susana é erotizado e representado em posições comprometedoras, com expressões faciais difíceis de decifrar - um misto de confusão e prazer em que a vítima parece ser cúmplice dos atos do seu agressor-, na obra de Gentileschi ela mostra a sua realidade indefesa. A artista decide, assim, afastar-se de uma erotização lúdica deste tema para descrever severamente uma problemática importante e evoca o seu próprio contexto enquanto mulher, vítima de situações semelhantes. Revelar a própria posição de fragilidade, inevitável até pela questão numérica no caso de Susana, para denunciar e por a cru atrocidades e situações de assédio



Figura 1: Susana e os Anciãos, Artemisia Gentileschi, óleo s/ tela, 1610

Fonte: Palácio de Weissenstein.

é uma forma simbólica de empoderamento, de acordo com a minha visão. Pretendo com isto dizer que o corpo de Susana, embora irremediavelmente submisso, é cristalizado nesta obra como uma força de resistência e de recusa perante a tentativa de dominação masculina.

Na segunda versão da sua pintura assombrosa “Judite decapitando Holofernes” (1621), concretizada uma década depois da que a antecede, assistimos a uma interpretação iconográfica do poder mais explícita e eficaz: a mulher forte que derruba os vilões do sexo masculino. Judite e a serva não assumem posições subordinadas, mas antes movimentos corporais dramáticos numa ação violenta de degolação do inimigo. O sangue esguicha do pescoço de Holofernes para o peito de Judite de forma realista, como uma cena retirada do “cinema gore”, e o seu corpo debate-se enquanto é vigorosamente detido pelos braços robustos de ambas as personagens femininas. O poder é, nesta obra, reproduzido pela força física e pelo objeto cortante da espada, carregado de uma vingança simbólica contra o pressuposto violador da própria Gentileschi, como o teoriza a historiadora Garrard:



Figura 2: Judite Decapitando Holofernes, Artemisia Gentileschi, óleo s/tela,

Fonte: Museu de Capodimonte.

O tema de Judite a decapitar Holofernes relaciona-se com o acontecimento traumático vivido por Gentileschi, e algumas fontes sustentam que Judite, enquanto protagonista principal da pintura, constitui, na realidade, um autorretrato da própria artista. (1989: 664).

Dando o salto para o final da década de 1960, uma nova *avant-garde* começou a rejeitar o mercado da arte e o seu funcionamento para dar espaço ao aparecimento da arte conceptual e das práticas efémeras como a *performance*. Os movimentos de emancipação feminina, na sua luta pela igualdade, tiveram também um enorme impacto no mundo da arte e impulsionaram o aparecimento de um grande número de mulheres artistas que estabeleceram a sua popularidade nas

décadas seguintes. Reativas, atentas e emergentes, Marina Abramović e Yoko Ono desafiaram o poder ao oferecer o controlo ao outro: o espectador que manuseia os seus corpos e se serve dos utensílios que tem à mão para participar na obra. Por sua vez, Carolee Schneemann e Valie Export recorreram à expressão sexual para reivindicar o seu lugar num meio patriarcal; Paula Rego explorou o corpo submisso e obediente, carregado de dor física e psicológica, nas suas composições pictóricas sobre o quotidiano doméstico; entre outras artistas com diferentes interpretações. Para além dos novos rostos que compuseram o panorama artístico da segunda metade do séc XX, houve também espaço para o reconhecimento e apreciação de artistas como Louise Bourgeois, que iniciou o seu percurso na década de 1940. Ofuscada pelos artistas masculinos do expressionismo abstrato da altura, foi através do seu imaginário invulgar e característico que se opôs subseqüentemente a essa dominação, regressando em força na época da revolução sexual e do movimento dos direitos das mulheres.

Na obra da artista, dá-se um fenómeno único dentro deste estudo: o poder e a vulnerabilidade deixam de constituir pólos opostos e tornam-se componentes interdependentes de uma mesma identidade. A vulnerabilidade em Bourgeois consiste na capacidade de mostrar o que é frágil, instável ou doloroso, convertendo essa exposição em força simbólica, em que o corpo é simultaneamente lugar de ameaça e proteção. As suas esculturas e instalações criam uma atmosfera de intimidade inquietante, incorporando tensões sexuais com violências subtis e lembranças de infância que sustentam a construção da sua subjetividade artística.

Um dos aspectos da sua produção que neste artigo interessa mencionar é a apropriação simbólica do falo, tradicionalmente entendido como signo de autoridade patriarcal e fertilidade. Bourgeois domestica-o, absorve-o, reconstrói-o e converte-o em elemento de defesa - transforma-se nele e protege-se. Dito isto, a forma fálica povoa as suas esculturas e instalações; metamorfoseia-se com outros elementos e partes do corpo (funde-se com seios, casulos e assume configurações animais), concedendo-lhes força. No famoso retrato da autoria de Robert Mapplethorpe, Bourgeois carrega debaixo do braço a obra "Fillette"(1968), posicionando-se como a sua mestre, numa inversão radical de papéis que dialoga com a história da representação do poder. Tal como Kuspit (2008) repara, a artista "domestica" o falo, transformando-o num prolongamento da sua criação e invertendo assim a lógica da submissão.

Ela diz que sente medo, mas na fotografia não parece receosa. Ela triunfa sobre o falo, dominando-o de forma total e inequívoca. Bourgeois aprecia o poder que exerce sobre ele – o poder de o manipular, de sentir a sua firmeza e ereção, chegando mesmo a provocá-las. O falo torna-se seu escravo, e ela é a sua senhora absoluta (Kuspit, 2008: Disponível em: <http://www.artnet.com/magazineus/features/kuspit/bourgeois-the-phallic-woman11-3-10.asp>.)



Figura 3: Louise Bourgeois (e Fillette), Robert Mapplethorpe, fotografia, 1982

Fonte: Robert Mapplethorpe Foundation.



Figura 4: The Destruction of the Father, Louise Bourgeois, instalação, 1974

Fonte: Museu Glenstone.

O diálogo entre violência e subjetividade manifesta-se ainda mais intensamente na obra “The Destruction of the Father” (1974), uma exploração psicológica do poder do pai que condensa em si o trauma, a raiva e a fantasia de libertação. Esta instalação recria o cenário visceral de uma caverna onde fragmentos orgânicos evocam um corpo fragmentado. Aqui, o ato de destruição não é literal como acontece nas decapitações de Gentileschi, mas psicológico e catártico: a demolição da figura paterna funciona como um gesto performativo de tomada de poder — um poder profundamente íntimo, emocional e do âmbito do subconsciente.

Assim, ao longo de diferentes fases e linguagens, Bourgeois recupera a autoridade sobre o corpo, sobre a memória e sobre o trauma, transmutando vulnerabilidade em força e intimidade em gesto político. Onde Gentileschi encontra no corpo feminino um campo de batalha contra o olhar masculino, Bourgeois encontra um espaço psíquico, elástico e metamórfico, em que o poder é continuamente reconfigurado. Juntas, as duas artistas demonstram que a mulher artista não responde apenas ao poder: recria-o.

3. Notas conclusivas

Louise Bourgeois apodera-se da forma masculina e parece regozijar-se com essa posição momentânea de (maior) autoridade, personificando o “feminino-masculino”¹⁾, isto é, a total ambivalência do gênero. Por seu lado, Artemisia Gentileschi repele e destrói a figura do homem, através da interpretação simbólica que faz das temáticas religiosas.

Embora estas artistas interpretem o conceito de poder e de (auto) fortalecimento de uma forma pessoal, isto é, relativa às suas experiências individuais e a eventos traumáticos que a vida lhes proporcionou, ambas conseguem tocar em matérias urgentes e ainda hoje

¹⁾ JOSEPH-LOWERY, Frédérique (2010), Through the Eye of a Needle.

indispensáveis, apesar do intervalo temporal – a denúncia do corpo oprimido. Como resposta, produziram obras que propõem a derradeira fusão entre mulher e objeto cortante: Judite de Gentileschi rasga o pescoço de Holofernes com a espada, como um prolongamento do próprio braço; as “Femmes Couteaux” de Bourgeois assumem a forma fálica do agressor e revelam uma natureza violenta sendo que estas esculturas são, ao mesmo tempo, lâminas.

Autodefesa, proteção e vulnerabilidade são as ideias-chave que constituem tais representações. Atuando sobre o público, em jeito de pulsão e repulsão, os produtos em causa serão sempre uma mercadoria física e artística cujo cerne é causador de dissídio e atração. Reivindicar o poder é gerar novos conteúdos, explorar novos significados e interpretar o passado com o olhar no presente. Mas não será assim a melhor arte, essa que agita e desbanaliza o consumo consuetudinário?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Garrard, M. D. (1989), *Artemisia Gentileschi: The Image of the Female Hero in Italian Baroque Art*. Princeton University Press.
- Jones, J. (2020), *Artemisia Gentileschi*. Laurence King.
- Joseph-Lowery, F. (2010, 15 de junho). *Through the eye of a needle*. Artnet. Recuperado em 8 de janeiro de 2025, de <http://www.artnet.com/magazineus/features/lowery/louise-bourgeois6-15-10.asp>
- Kaborycha, L. (2021). *Power and sexuality in Renaissance art* [Vídeo]. YouTube. <https://www.youtube.com/watch?v=1BOTfXxaaxE&list=LL&index=3&t=853s>
- Kuspit, D. (2008, 3 de novembro). *The phallic woman*. Artnet. <http://www.artnet.com/magazineus/features/kuspit/bourgeois-the-phallic-woman11-3-10.asp>
- Macedo, A. (2011). *Mulheres, arte e poder: uma narrativa de contrapoder?* Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea.
- Miller, J. (2008). Power and vulnerability in the work of Louise Bourgeois. In *The creative feminine and her discontents*. Routledge.
- Nochlin, L. (1989). *Women, art and power and other essays*. Thames and Hudson.
- Piland, S. (1994). *Women artists: A historical, contemporary and feminist bibliography*. PhilPapers.
- Reilly, M. (2015). *Women artists: The Linda Nochlin reader*. Thames and Hudson.
- Vreeland, S. (2002). *The passion of Artemisia: A novel*. Penguin Books.

Francisca Sousa.

É licenciada em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto. Realizou um programa de estudos em Londres, na Central Saint Martins, e concluiu um mestrado em Arte Multimédia, na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. É investigadora de Doutoramento no i2ADS - Unidade de Investigação em Arte e Design, na Universidade do Porto. Email: franciscasiao@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7399-3187>

Receção: 04-03-2025

Aprovação: 10-09-2025

Citação:

Sousa, Francisca (2025). Reivindicar o poder: autodefesa e vulnerabilidade em Gentileschi e Bourgeois. *Todas as Artes: Revista Luso-Brasileira de Artes e Cultura*, 8(1), pp.40-47 ISSN 2184-3805. DOI: <https://doi.org/10.21747/21843805/tav8n1a4>



